

Mauricio Murad

PARA ENTENDER
**A violência
no futebol**

Benvirá

Copyright © 2012 Mauricio Murad Ferreira
Todos os direitos reservados.

Diretor editorial: Thales Guaracy
Gerente editorial: Rogério Eduardo Alves
Editora: Débora Guterman
Editores-assistentes: Johannes C. Bergmann, Paula Carvalho e Richard Sanches
Capa e edição de arte: Carlos Renato
Assistente editorial: Luiza del Monaco
Assistente de direitos autorais: Renato Abramovicius
Serviços editoriais: Luciana Oliveira

Diagramação: Linea Editora Ltda.
Foto da capa: AFP/Getty Images
Preparação: Alessandra Miranda de Sá
Revisão: Laila Guilherme e Raul Drewnick
Produção gráfica: Liliane Cristina Gomes
Impressão e acabamento: RR Donnelley

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M944v

Murad, Mauricio, 1950-
A violência no futebol / Mauricio Murad. - São Paulo : Saraiva, 2012.
240 pp.: 19 cm. (Coleção Para Entender)

ISBN 978-85-64065-01-7

1. Futebol - Torcedores. 2. Violência nos esportes. I. Título. II. Série.

12-2348

CDD: 796.334

CDU: 796.332

1ª edição, 2012

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Saraiva S/A Livres Editores. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Benvirá, um selo da Editora Saraiva
Rua Henrique Schaumann, 270 | 8º andar
05413-010 | Pinheiros | São Paulo | SP
www.benvira.com.br

544.535.001.001

*Aos amigos Ronaldo Lack e
Sonia Lentine, consistentes e inesgotáveis
nas celebrações da verdadeira amizade.*

17. Principais resultados das pesquisas.....	157
18. Existem torcidas e torcedores pacíficos?	167
19. Na Europa é pior?	171
20. As condições do espetáculo.....	181
21. O futebol pode ser um tipo de “laboratório”?.....	191
22. O papel da mídia.....	199
23. Listagem elaborada das conclusões	203
24. Resumo das conclusões.....	229
Referências bibliográficas.....	237

Introdução

A violência no futebol é um assunto amplo, complexo e de suma importância para a sociedade brasileira. O principal objetivo aqui é escrever um texto simples e direto, de fácil leitura, mas baseado em muita pesquisa e observação. Um texto que atinja grande número de leitores, para que estes possam não só entender, mas também refletir e encontrar maneiras de reduzir a violência no futebol, mais especificamente no futebol brasileiro.

Repare bem que falaremos sobre a violência *no* futebol, e não *do* futebol.

Não há dúvida de que existe também a violência *do* futebol, própria dessa modalidade esportiva. Afinal, trata-se de um esporte coletivo, de alta competitividade, de contato físico, o mais apaixonante e massivo de todos, e jogado com os pés, bem mais instintivos e “brutais” do que as mãos.

Misture tudo isso e verá que o resultado pode ser violência, ainda mais se as condições e pessoas ligadas

ao futebol, como dirigentes, treinadores e árbitros, não se prepararem para evitar, controlar e punir práticas de agressão entre jogadores dentro de campo.

A violência em campo reduz a beleza do espetáculo e o tempo de jogo corrido, devido ao aumento do número de faltas e de cartões (amarelo e vermelho), à interrupção constante da partida, às lesões (muitas delas graves), ao rodízio de faltas para fugir de punições severas (orientação de treinadores e dirigentes), à permissividade dos árbitros (despreparados, muitas vezes) e à impunidade da Justiça Desportiva.

Então, quando se diz que existe uma violência própria desse microcosmo social, o futebol, trata-se de uma afirmação verdadeira. Porém, as práticas de violência mais sérias e que agredem a consciência são de caráter mais geral, são as que ocorrem entre torcidas organizadas, dentro de estádios e mais ainda fora deles — estas é que serão alvo deste livro.

A violência que se manifesta *no* futebol tem sua origem em questões mais profundas, de ordem social. Não é apenas o resultado daquilo que acontece nos estádios, embora isto também contribua.

Os principais exemplos dessas questões sociais são o desemprego e o subemprego, a falta de consciência social, de educação e cidadania, o tráfico de drogas e o crime organizado, o descaso das autoridades, a desagregação dos valores familiares e escolares, a falta de policiamento ostensivo e preventivo, a im-

punidade, a corrupção. São as chamadas macroviolências, que aparecem no microcosmo do futebol, assim como em outros, por exemplo, no trânsito, na escola, na família. Neste último âmbito, chama a atenção a crescente violência contra mulheres, crianças, idosos e deficientes físicos e mentais, cujo número de ocorrências é assustador.

No caso do Brasil, devemos destacar dois fatores macrossociais, que são a corrupção e a impunidade, porque ambas podem ser consideradas violências por si sós e de fato resultam em mais atos violentos, já que estimulam e acentuam outras causas sociais, culturais, jurídicas.

Mais que isso: são problemas estruturais — porque presentes em quase todos os grupos, setores e instituições sociais — e históricos, uma vez que acontecem em todas as conjunturas, isto é, em todas as épocas, em todos os momentos de nossa formação cultural.

O filósofo existencialista francês Jean-Paul Sartre (1905-1980), um dos nomes mais respeitados na história do pensamento universal, comentou em relação à vida individual: “O mais importante não é aquilo que fazem com você, mas o que você faz daquilo que fazem com você”.

Acredito que a sabedoria desse pensamento possa ser aplicada também à vida coletiva, em relação ao tema deste livro. Seria algo como: o mais im-

ao futebol, como dirigentes, treinadores e árbitros, não se prepararem para evitar, controlar e punir práticas de agressão entre jogadores dentro de campo.

A violência em campo reduz a beleza do espetáculo e o tempo de jogo corrido, devido ao aumento do número de faltas e de cartões (amarelo e vermelho), à interrupção constante da partida, às lesões (muitas delas graves), ao rodízio de faltas para fugir de punições severas (orientação de treinadores e dirigentes), à permissividade dos árbitros (despreparados, muitas vezes) e à impunidade da Justiça Desportiva.

Então, quando se diz que existe uma violência própria desse microcosmo social, o futebol, trata-se de uma afirmação verdadeira. Porém, as práticas de violência mais sérias e que agridem a consciência são de caráter mais geral, são as que ocorrem entre torcidas organizadas, dentro de estádios e mais ainda fora deles — estas é que serão alvo deste livro.

A violência que se manifesta no futebol tem sua origem em questões mais profundas, de ordem social. Não é apenas o resultado daquilo que acontece nos estádios, embora isto também contribua.

Os principais exemplos dessas questões sociais são o desemprego e o subemprego, a falta de consciência social, de educação e cidadania, o tráfico de drogas e o crime organizado, o descaso das autoridades, a desagregação dos valores familiares e escolares, a falta de policiamento ostensivo e preventivo, a im-

punidade, a corrupção. São as chamadas macroviolências, que aparecem no microcosmo do futebol, assim como em outros, por exemplo, no trânsito, na escola, na família. Neste último âmbito, chama a atenção a crescente violência contra mulheres, crianças, idosos e deficientes físicos e mentais, cujo número de ocorrências é assustador.

No caso do Brasil, devemos destacar dois fatores macrossociais, que são a corrupção e a impunidade, porque ambas podem ser consideradas violências por si sós e de fato resultam em mais atos violentos, já que estimulam e acentuam outras causas sociais, culturais, jurídicas.

Mais que isso: são problemas estruturais — porque presentes em quase todos os grupos, setores e instituições sociais — e históricos, uma vez que acontecem em todas as conjunturas, isto é, em todas as épocas, em todos os momentos de nossa formação cultural.

O filósofo existencialista francês Jean-Paul Sartre (1905-1980), um dos nomes mais respeitados na história do pensamento universal, comentou em relação à vida individual: “O mais importante não é aquilo que fazem com você, mas o que você faz daquilo que fazem com você”.

Acredito que a sabedoria desse pensamento possa ser aplicada também à vida coletiva, em relação ao tema deste livro. Seria algo como: o mais im-

portante é como a sociedade e suas instituições reagem aos crimes, às transgressões, à violência, já que estes — parece mesmo que sim — sempre poderão ocorrer, pelo menos em certos níveis e proporções, tanto no futebol quanto em qualquer outra realidade social.

Porém, espera-se que tais níveis e proporções sejam aceitáveis e que estejam sob o controle das instituições. E não o contrário, como se vê hoje em muitos países; um exemplo é o Brasil, em que as instituições estão à deriva, acuadas, em face do crescimento das transgressões e da violência.

A corrupção e a impunidade anestesiam as reações ética, jurídica, política, cultural e policial de uma sociedade. E, como são essas reações que definem uma sociedade e a própria civilização, se não forem acionadas normalmente pelas instituições, o efeito, mesmo que indireto, é incentivo a novas práticas delituosas.

E sabem por quê? Porque a violência fica banalizada (“tudo é assim”) e, pior, naturalizada (“sempre foi assim”). Em resumo: a ideia que pode ficar é a de que não há conserto. Trata-se de uma verdade que vale para o futebol, e não somente para o futebol. Ela é aplicável a quase tudo.

Portanto, para entender a violência no futebol, aquela que chamamos de *violência do público*, é preciso começar a compreender a violência que a prece-

de — a *violência pública*. E esta, como já vimos, tem raízes culturais, sociais, históricas, humanas.

Para entender a violência no futebol de determinado país, é preciso contextualizá-la nas violências macrossociais *no* e *do* país em questão. E, para tanto, é necessário estudar um pouco sua cultura, sociedade e história.

No caso desta obra, o que está em jogo é a violência no futebol brasileiro. Por isso, temos de procurar entender os contextos gerais e setoriais das práticas de violência *no* e *do* Brasil, fazendo-o de maneira integrada, articulada, para perceber as relações de reciprocidade e interfaces entre a violência como um todo e suas manifestações no âmbito do futebol brasileiro.

Em outras palavras, combinar estudos, análises e interpretações macro e microsociológicas, antropológicas, históricas, jurídicas, no esforço de evidenciar diferenças e semelhanças, generalidades e particularidades, bem como interações existentes entre a violência de modo geral e a de uma parte específica da sociedade.

O geral e o específico devem caminhar juntos.

Mas entender não basta, é preciso agir. É preciso buscar a definição de políticas públicas de segurança em diversos ambientes — algo que poderia ocorrer em qualquer outro cenário cultural e social, mas nos concentraremos no futebol, foco deste livro.

Assim, teremos três níveis, que formam os conjuntos de medidas de um plano de segurança consistente e que devem estar interligados: repressão, no curto prazo; prevenção, no médio prazo; e reeducação, no longo prazo.

Este livro analisa as relações entre violência e futebol partindo do princípio de que esse esporte não é violento por si só, nem *necessariamente* violento, ao contrário do que muitas vezes aparece no imaginário popular e na *espetacularização*, no sensacionalismo da mídia. Por que, então, o futebol é apresentado assim, se não é só, nem essencialmente, isso?

É bom lembrar que a espetacularização não é exclusiva do futebol, e sim um fenômeno da vida contemporânea, seu modelo quase dominante. Trata-se de um processo sensacionalista, que transforma tudo em espetáculo, em show. Em outras palavras, é o *showrnalismo* adotado pelos telejornais.

O futebol pode ser, e tem sido, muitas vezes uma instituição cultural voltada à não violência, numa tentativa concreta de inclusão social e cidadania, por ser uma modalidade coletiva e democrática de esporte e por causa de sua intensa e extensa popularidade.

O futebol pode ser, ainda, um processo lúdico, que ajuda a reeducar, em particular crianças e jovens. Tem potencial para isso, já que sua lógica e funcionamento estão fundamentados, pelo menos em tese, na igualdade de oportunidades, no respeito às diferenças

e na assimilação de regras e normas de convivência com o outro. Não é panaceia, isto é, remédio para todos os males, mas que ajuda, ajuda.

Nosso maior desafio é fazer essa força latente que existe no futebol virar realidade manifesta, para que, num futuro, agressividades, exclusões e violência — manifestações de hoje — sejam, se não superadas, pelo menos controladas. E, como comentamos há pouco, um plano de segurança consistente, com suas três etapas, vem ao encontro dessa nova percepção.

Trabalhos como este, ao qual damos início agora, são iniciativas que auxiliam nesse processo, porque ajudam a entender um dos mais graves problemas do futebol na atualidade: a violência entre grupos torcedores.

1. A popularidade do futebol

Assim como jornais, revistas, televisão, internet e até o rádio fazem uma “estatística de jogo” ao final da partida, também aqui usaremos alguns números para nos ajudar a refletir sobre o tema proposto. Consideramos de suma importância relacionar pesquisas quantitativas (números e estatísticas) a pesquisas qualitativas (análises e reflexões).

Duas recentes sondagens, feitas respectivamente pelos institutos Ibope e Datafolha, reforçam o que estudos da Universidade de São Paulo já indicavam há uma década: o futebol é o esporte preferido de 70% da população brasileira. É o mais popular e apaixonante, além de mais constante na vida dos brasileiros.

O intelectual, escritor e jornalista José Lins do Rego (1901-1957) afirmava que o conhecimento do Brasil passa pelo futebol e que por meio dele podemos fazer uma psicossociologia da vida brasileira, de nossas contradições sociais, de nossos dilemas culturais.

Nossa formação cultural é um mosaico de várias manifestações relevantes — música, dança, religiosidade, culinária, literatura, festas populares, capoeira, futebol —, que auxiliam na fixação de identidades coletivas. Todas essas manifestações são emblemas importantes, populares, e fazem parte de marcas antropológicas, de simbologias, ou seja, de nosso arcabouço de histórias, lendas, fábulas, mitos, representações.

São *identidades*, além de *identificações*. E devemos falar assim mesmo, no plural, porque são sempre diversas e variam de acordo com a região, a classe social, a etnia.

OLHO NO LANCE

- *Identidade* tem a ver com o “ser”, com as manifestações culturais mais permanentes, que ajudam a entender e a definir um lugar e sua gente.
- *Identificação* tem a ver com o “estar”, com as manifestações culturais mais imediatas, passageiras, e que às vezes tentam até mesmo esconder as identidades.

No Brasil (e em alguns outros países também), o futebol é uma verdadeira paixão coletiva e mexe com quase todas as pessoas, de diferentes grupos e classes sociais, de variados padrões de renda e escolaridade, culturas e regiões. É um símbolo muito forte

de valores culturais e representa a sociedade, o nosso modo de ser. Sem dúvida, é uma das identidades coletivas brasileiras mais pregnantes. Sendo assim, o futebol, além de esporte, é um caminho para se entender o próprio país, no que ele tem de “BOM” e de “RUIM”.

Um olhar panorâmico à popularidade do futebol

O futebol é considerado o esporte mais popular do mundo, e essa premissa abrange países e culturas muito diferentes.

OLHO NO LANCE

Em determinadas sociedades, como as dos Estados Unidos e Japão, que historicamente não têm o futebol como paixão coletiva, há muito tempo são feitos pesados investimentos para mudar essa realidade. Exemplos são, nos Estados Unidos, desde 1975, a era Pelé, no Cosmos, e no Japão, a partir de 1991, a era Zico, no Kashima Antlers — esforços para que esses países, tão integrados econômica, política e diplomaticamente na comunidade internacional, não fiquem à parte do mundo do futebol.

O futebol é a modalidade esportiva que mais aglutina gente em todo o planeta. Além de atletas profissionais, envolve direta ou indiretamente bilhões de pessoas entre praticantes amadores, atletas semiprofissionais, profissionais de diversas carreiras, ocupações e serviços e, sobretudo, torcedores.

Vários são os fatores que ajudam a entender sua imensa e variada popularidade mundial, como atestam estudos e levantamentos feitos por especialistas. Trata-se da modalidade desportiva mais espontânea (pode ser jogado em qualquer espaço) e imprevisível (porque é jogado com os pés), mais simples e barata (não exige muitos equipamentos esportivos), além de estável (suas 17 regras são universais, existem há muito tempo e quase nunca mudam) e democrática (qualquer um, com qualquer tipo físico, cor de pele, classe social ou cultura pode jogar — e bem — o futebol).

Para o escritor peruano e prêmio Nobel de Literatura em 2010, Mario Vargas Llosa (1936-), “o futebol é o ideal de uma sociedade perfeita: poucas regras, claras, simples, que garantem a liberdade e a igualdade dentro do campo, com a garantia do espaço para a competência individual”.

Para se ter uma ideia da dimensão e importância do futebol, a Fédération Internationale de Football Association (Fifa), fundada em 1904, conta com 208 países associados. É a maior entidade de toda a his-

tória, maior que a Organização das Nações Unidas (ONU), criada em 1945, e o Comitê Olímpico Internacional (COI), em 1894. Sua força política internacional é conhecida e reconhecida.

A Copa do Mundo é o maior evento da televisão mundial, chegando a algumas dezenas de bilhões de audiências. Nenhum outro fenômeno, de qualquer tipo, chega perto desses números. Isso não acontece à toa — o futebol é mais que uma modalidade esportiva; é uma das maiores manifestações culturais (e democráticas) já vistas.

No caso brasileiro, então, nem se fala. A história do nosso futebol pode ser considerada parte da história da luta social brasileira. Por aqui, o futebol é bem mais do que um esporte: é uma identidade, um símbolo cultural coletivo, por isso tem tanta importância e exerce tamanho impacto em nossa vida.

2. O êxodo dos estádios

Sondagem realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010 confirmou que futebol e cinema, nessa ordem, são “as preferências nacionais em matéria de diversão fora de casa”, em centros urbanos e suburbanos, grandes e médios, onde estão concentrados quase 80% de nossa gente.

Tanto o futebol quanto o cinema são espetáculos internacionais apaixonantes, e cada um deles tem a sua própria cultura e mitologia. Suas *estrelas* e seus *astros* (observem que os mesmos termos são usados no futebol e no cinema) seduzem pessoas muito diferentes, tornando-se referência nas mais diversas sociedades, cujos valores e imaginário coletivos são tão distintos que abrangem um âmbito quase universal.

Mas pesquisas demonstram que os brasileiros vêm se afastando dos estádios de futebol. De acordo com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), a média de público no Campeonato Brasileiro de 2010

foi, em números redondos, de 15 mil espectadores. A título de comparação, e para mostrar como essa média é baixa, nos Estados Unidos, a média de público nos jogos de futebol — o *soccer*, não o americano — foi de 17 mil.

Investigação realizada pelo Núcleo de Sociologia do Futebol da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) em 2009 mostrou que, para mais de dois terços (68%) dos torcedores, a violência é a maior causa de afastamento do público dos estádios brasileiros, seguida de preços (ingresso e alimentação), transporte e falta de conforto nos estádios.

Então, vamos concordar: é uma contradição o futebol ter essa importância na cultura, no comportamento, na vida dos brasileiros, e a violência afastar esses mesmos brasileiros dos estádios, perturbando um de seus principais divertimentos.

Vou ainda mais longe: isso fere importantes direitos constitucionais de cidadania, como o direito de ir e vir, o direito à segurança, ao lazer, ao esporte — direitos fundamentais.

A atual Constituição brasileira consagra, em seu artigo 217, que o esporte, como prática e lazer, é um direito dos cidadãos e um dever do Estado. Essa é uma diretriz e tanto para todos os envolvidos, direta ou indiretamente, em atividades esportivas.

Somos tidos como os melhores do mundo em futebol, o maior celeiro e o maior exportador de

craques e talentos. Tudo isso, dentro das “quatro linhas”.

Fora dos gramados, a conversa é outra. Nossos modelos de gestão e negócios, estrutura dos clubes, de federações e de segurança pública são considerados frágeis.

A bola agora está com o Estado

A título de exemplo, porque se trata do tema foco deste livro, e também para demonstrar que a questão da segurança é geral e não pertinente apenas ao futebol, exponho a seguir um dado notável do Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro.

Do final de 2009 ao final de 2010, mesmo sendo o ano em que se planejou e se executou a ocupação estratégica do Complexo do Alemão pela Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), o governo do Estado do Rio de Janeiro diminuiu — isso mesmo: diminuiu! — seus gastos com segurança pública, de 12,1% para 8,6%, do orçamento estadual. Uma queda de quase 30%, proporcionalmente.

Se comparado a outros países do “primeiro mundo do futebol”, especialmente os da Europa, a distância se torna imensa. Nesses lugares, os investimentos em segurança pública são prioridade do governo e do

Estado (do Estado!), carreando volumes financeiros altíssimos — ação que envolve a sociedade como um todo, e não apenas o futebol.

As dimensões de cidadania, educação (em particular para crianças e jovens), cultura e mercado do futebol movimentam muitos capitais e interesses, mas também mobilizam consciências, valores, leis e políticas; influenciam comportamentos, vontades e mudanças.

Por isso, o panorama da vida social e de suas instituições pode ser influenciado pelo futebol como uma espécie de “laboratório” de reflexões e sugestões, no âmbito da segurança pública, para além do universo esportivo. E são três, não nos esqueçamos, os tópicos do conjunto que deve ser levado em conta, tanto para entender quanto para controlar as práticas de violência no futebol, podendo influenciar outros setores sociais: a punição, no curto prazo; a prevenção, no médio; e a reeducação, no longo prazo.

A *punição* significa a aplicação efetiva de leis mais rígidas, reduzindo a sensação generalizada de impunidade, que infelizmente reina secular na cultura brasileira.

A *prevenção* é a chamada “inteligência”, “investigação inteligente”, que significa evitar ou pelo menos reduzir a intensidade e a gravidade dos atos de violência. A prevenção é mais barata e mais eficiente para a sociedade.

Já a *reeducação* tem a ver com políticas públicas, esforços institucionais, campanhas permanentes, sistemáticas e interligadas, visando à mudança de valores, comportamentos e mentalidades, mesmo que parcial e alcançada só no longo prazo.

3. Vândalos no futebol: uma minoria perigosa

Dados do Ministério da Justiça, de 2010, mostram o seguinte: as práticas de violência entre torcidas organizadas do futebol brasileiro são crescentes e preocupantes, mas ainda assim são inferiores aos números da violência geral no país.

RETRATO DA VIOLÊNCIA	
Trânsito	35 mortes e mutilações por dia
Pedofilia	97 denúncias por dia
Prostituição infantil	As 5 maiores redes mundiais desse tráfico passam pelo Brasil
Mulheres	A cada 15 segundos 1 mulher é espancada por 1 homem
Idosos	35 mortes e ferimentos graves por dia
Homossexuais	124 mortes e agressões por dia
Crianças e deficientes	Mais de 15 mil denúncias em 2010

E isso é o que se sabe, o que foi denunciado, notificado e virou estatística. Mas é do conhecimento de todos que há uma infinidade de ocorrências dessa natureza que nem sequer chegam a ganhar registro.

A pesquisa da UERJ e do mestrado da Universidade Salgado de Oliveira (Universo), de 2009/2010, apurou que a violência entre torcedores no Brasil é praticada por uma minoria de vândalos que oscila entre 5% e 7% das torcidas organizadas, confirmando e atualizando, portanto, dados de levantamentos anteriores.

Reparem bem: minoria das torcidas organizadas, e não de torcedores em geral. E isso considerando que as chamadas torcidas organizadas já são minoria, dentro do universo geral de milhões de torcedores.

Sendo assim, não se pode generalizar, muito menos criminalizar, as torcidas como um todo. Mesmo quando falamos das torcidas organizadas. Mas também não podemos banalizar a violência entre torcedores. Temos de encontrar uma dialética, uma síntese entre esses dois opostos: de um lado, a criminalização; de outro, a banalização.

O próximo passo é ficar atento, rejeitando a sedução de um raciocínio simplista e reducionista, constatando que futebol é assim mesmo (a banalização) ou que torcida organizada é sinônimo de violência (a criminalização). Não se trata disso.

Os torcedores são o décimo segundo jogador, parte integrante do mundo e da cultura do futebol. São res-

ponsáveis pela *carnevalização* do espetáculo, com suas coreografias, cânticos e cores. Motivam os jogadores e ajudam no faturamento dos clubes, além de defenderem o nome deles, seus símbolos e muitas de suas decisões, mesmo sem participar delas diretamente. Um mercado muito peculiar, porque movido quase somente por paixão. Nem tanto na oferta, claro, de bens e serviços, mas com certeza na procura e particularmente na compra de ingressos e produtos licenciados.

Muitos são os sacrifícios feitos por torcedores para adquirir entradas, camisas, bolas e outros artigos do gênero. Significa dizer, então, que o torcedor em geral se encontra em número muito maior que o torcedor organizado, e que este é numericamente superior ao arruaceiro, aquele que de fato pratica a violência no futebol.

Por enquanto, o número desses delinquentes “torcedores”, na realidade, não é tão grande quanto parece. Como vimos, representam entre 5% e 7% dos torcedores organizados. Não são predominantes, são minoria, embora ainda assim perigosos e dignos de preocupação.

Os infiltrados

Uma das revelações mais alarmantes de nossa pesquisa é que, dentro das torcidas organizadas, existem

infiltrados — é isto, sim: infiltrados! —, que nem mesmo gostam de futebol, mas estão ali apenas para praticar atos desmedidos de intolerância, covardia, insulto, ofensas e violência.

É mais que necessário tomar as providências cabíveis — e já estamos muito atrasados aqui no Brasil —, antes que essa minoria, incentivada pela impunidade, fique maior, mais forte e ainda mais incontrolável.

Uma das contribuições distintivas e relevantes do pensamento científico às interpretações da causa e da sistemática da violência desses grupos de torcedores difere significativamente das conclusões do senso comum.

Este costuma afirmar que a violência entre torcedores obedece apenas à lógica da irracionalidade, do vandalismo passional e descontrolado. Já a análise sistemática e consistente, teórica, metodológica e operacional, característica da ciência, comprova que a dimensão da irracionalidade existe, sim, mas não é a única. As práticas de violência seguem também uma sistemática pensada, calculada, prevista — uma lógica racional, portanto.

Tais grupos agressivos e violentos não descansam. Com a velocidade que define os meios eletrônicos e com a competência característica dos jovens para lidar com essas ferramentas, atuam em rede dia e noite.

Com extrema rapidez e habilidade, comunicam-se, organizam-se, trocam ofensas, difundem ideias radicais de intolerância e preconceito, provocam e combinam conflitos, criam e divulgam jornais e revistas virtuais de enorme circulação.

Na maioria, são jovens entre 15 e 24 anos, que, além do domínio dos recursos virtuais, geralmente têm tempo disponível e o conhecimento necessário das técnicas de manipulação de sites de relacionamento. O Orkut é o preferido para provocar e combinar os embates, que muitas vezes resultam até em mortes.

Em geral, esse tipo de torcida costuma se reunir com certa frequência, tem disciplina, organização e razoável capacidade operacional. Sabem pra quê? Para combinar, provocar, confrontar.

Muitas vezes são treinados em lutas marciais e, não raro, em academias clandestinas. Suas ações são militares ou paramilitares, bem como a hierarquia interna (capitão, tenente, soldado...) e a estrutura — comando, pelotão de choque, infantaria e “família”, no sentido mafioso da palavra, de proteção mútua, combate e eliminação do outro.

Os atos de transgressão dos infiltrados às leis e regras mínimas de convivência e respeito humano e social não conhecem limites. E esses grupos não se escondem; encontram-se ostensivamente expostos na internet e presentes nos noticiários. Quase todo mun-

do sabe dessa realidade, que é divulgada no jornal, no rádio e na televisão. Sobretudo a polícia.

Há um contexto de delinquência e marginalidade que justifica a violência no futebol — o consumo excessivo de bebidas alcoólicas (causa indiscutível da violência, não só no futebol), o tráfico de drogas ilícitas (maconha, cocaína, ecstasy e crack, sendo que este último se alastrou para mais de 98% de nossas cidades, e seu combate faz parte da plataforma política do atual governo brasileiro), um crescente mercado negro de armas e a ligação com facções do chamado crime organizado nos grandes centros urbanos.

A conexão entre setores violentos das torcidas organizadas com facções do tráfico e do crime organizado no Brasil ajuda a compreender os conflitos entre torcedores do mesmo time, embora de torcidas diferentes, e até mesmo embates violentos entre grupos rivais da mesma (!) torcida — o que, convenhamos, em princípio é um contrassenso de difícil compreensão.

Tá dominado, tá tudo dominado...

Foi cantando o conhecido funk do Furacão 2000 que um torcedor tentou explicar o vínculo entre setores

das torcidas organizadas e facções do crime e do tráfico. Em outras palavras, ligações *com a bandidagem*, como ele diz, e depois arremata: “Não é só no futebol, não, no meu colégio é assim também”.

Esse aspecto gravíssimo da macroviolência social no Brasil — o crime organizado interferindo no restante da sociedade —, que se manifesta também no futebol brasileiro, é um fenômeno recente, mais conhecido a partir de 2004. Foi nessa época que, espantados, vimos pela televisão torcedores do mesmo time, e até da mesma torcida, brigando e entrando em choques violentos.

Esse aspecto também ajuda a entender por que, no mesmo período, depois de 2005, quando a situação estava muito grave e os órgãos de segurança atuaram, as ocorrências violentas diminuíram dentro dos estádios (motivo discutível de celebração entre as autoridades), mas cresceram fora e longe dos campos, além de acontecerem, muitas vezes, em horários e dias diferentes dos jogos.

Sobre essa conexão, repito, que é *gravíssima*, não se conhece ação de “inteligência” constante, articulada e eficiente por parte dos organismos de segurança pública.

Em geral, as medidas tomadas não vão além da repressão imediata (necessária, mas não suficiente), focada em um acontecimento recente e, não raro, com apelo midiático, principalmente se envolver a televisão.

OLHO NO LANCE

- No Brasil, a origem da palavra *torcedor* vem de *torcedora*. Numa crônica do início do século XX, o escritor e dirigente do Fluminense Coelho Neto disse que as *mocinhas casadoiras torciam seus lençinhos de renda* pelos jogadores preferidos dentro de campo, também pensando neles como pretendentes a marido. Essas mocinhas receberam o nome de *torcedoras*, e, em outra crônica, a expressão se estendeu a todos, homens e mulheres, *que torcem, contorcem o corpo e distorcem tudo... assim são os torcedores*.
- Na Itália, os torcedores geralmente são chamados de *tiffosi* — aqueles que sentem no próprio corpo os tremores da febre por seu time, que vibram quase doentamente pela equipe. É como se estivessem doentes, como se houvessem contraído tifo.
- Na Argentina (também na Espanha e em outros países de língua espanhola), a torcida é chamada de *hinchada*. A expressão vem de *hincha*, ou inchar. Portanto, torcer é ficar inchado (*hinchada*), como se estivesse doente, em estado alterado; como se algo fora do comum e um tanto descontrolado acontecesse com o corpo. A palavra *hincha* pode significar, também, *sentir* ou *mudar o corpo*.

4. Mortes de torcedores: nesse quesito, somos campeões

Somos campeões mesmo?

Somos campeões *mesmo*.

Infelizmente, o Brasil não é apenas campeão no futebol; também é campeão quando se trata de mortes de torcedores.

Na última década estudada — entre 1999 e 2008 —, fomos campeões mundiais nas mortes de torcedores, se compararmos nosso levantamento com os efetuados no chamado “primeiro mundo do futebol”, em que as sondagens sobre conflitos de torcidas são mais sistemáticas e confiáveis.

Pesquisa conjunta da UERJ com o mestrado da Universo — instituições das quais faço parte, da UERJ agora como aposentado — contabilizou 42 mortes nesses dez anos de estudo, uma média de 4,2 por ano. Ultrapassamos Itália e Argentina, que estavam à frente do Brasil no início do período investigado.

Tais países se organizaram e agiram com dureza na repressão, com inteligência na prevenção e com

políticas de governo na reeducação do público futebolístico, em geral, e, mais especificamente, nas torcidas organizadas.

Infelizmente, o mesmo ainda não se deu com o Brasil, e chegamos a esses resultados trágicos, repetidos ano a ano. Mas o pior é a escalada no número de mortes, se analisarmos o assunto por períodos: na década estudada, a média anual foi 4,2, mas nos últimos cinco anos o número aumentou para 5,6 e, nos dois últimos, para 7 óbitos ao ano.

Os diagnósticos continuam. O que dizer dos dados de 2009 e 2010? Chegamos a 9 e 12 mortos por ano, respectivamente. A mais grave conclusão da pesquisa, no entanto, é que 78,8% das mortes são de torcedores sem nenhuma ligação com grupos organizados e responsáveis por atos e comportamentos marginais.

Mais uma vez, a violência no futebol faz eco à violência macrossocial do Brasil: a maioria das vítimas não tem ligação com grupos agressores e transgressores, que são os verdadeiros culpados por conflitos e infrações, por lesões e mortes.

Capítulo pequeno, não é? Mas preciso dizer mais?

5. Impunidade e corrupção, os males do Brasil são

Os graves problemas sociais do país, somados aos problemas característicos do nosso futebol, ajudam a entender a violência no futebol brasileiro. Tudo isso interligado, é evidente.

Dos problemas macrossociais brasileiros — por exemplo, o subemprego, a educação e a moradia precárias, a desagregação da família e dos valores de cidadania, entre outros —, aqueles que mais aparecem no nosso futebol e auxiliam no entendimento das práticas de violência nesse esporte são, em primeiro lugar, a impunidade, seguida da corrupção.

Como já dissemos, são problemas estruturais e históricos do Brasil que alcançam não só o futebol, mas toda a vida social.

Para se ter uma ideia da impunidade, estatísticas oficiais de avaliação da Lei Seca mostram que mais de 92% das pessoas autuadas pagaram fiança e ficaram impunes. Será que a meta é só faturar?

Outro caso impressionante são as agressões violentas a mulheres, crianças, idosos e homossexuais, que também ficaram impunes em quase 80% dos casos.

Dados oficiais da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), de 2010, indicam que na média o Brasil desperdiça 56 bilhões de reais por ano em todos os níveis da Educação. Isso acontece, segundo o estudo, devido à incompetência dos gestores públicos, da burocracia e, principalmente, da corrupção.

O Tribunal de Contas da União (TCU) investigou, em 2010, as Farmácias Populares, uma vez que remédios vendidos até 90% mais baratos haviam sido “comprados” por pessoas já mortas. E quanto ao montante de recursos retirado de pessoas vivas e humildes, que procuraram esse serviço, a princípio muito bom?

As Farmácias Populares não deveriam ser uma forma indireta e *saudável* de distribuição de riqueza? No entanto, a mesma fonte que denuncia a “venda” de remédios aos mortos evidencia a dificuldade de controlar os *vivos* e demonstra que o ideal seria o controle ser feito pelos próprios beneficiados. Porém, tal processo seria complicado e difícil. Eis a razão: indicadores da Pesquisa Analfabetismo Funcional, citada pelo TCU, apuraram que 74% dos brasileiros alfabetizados não são alfabetizados satisfatoriamente. Mal sabem escrever o próprio nome.

Meteram a mão na merenda escolar?

Os chamados crimes do colarinho-branco, ou crimes econômicos — basicamente crimes de corrupção e sonegação fiscal —, movimentam perto de 80 bilhões de reais por ano, cerca de 7% do nosso Produto Interno Bruto (PIB), que é o conjunto de todas as riquezas e serviços produzidos no país.

É quase o mesmo valor dos gastos do orçamento brasileiro em Educação, considerando todos os níveis. E o pior é que as áreas sociais são as mais afetadas pela corrupção — merenda escolar, saneamento básico, cestas de alimentação, habitação popular, segurança, saúde e educação públicas.

De acordo com o ranking das Nações Unidas, temos a quarta pior distribuição de renda do mundo. Mesmo com as melhorias tão propagadas oficialmente.

O Brasil gasta por ano perto de 165 bilhões de reais, cerca de 15% do PIB, no combate à violência. E, ainda assim, segundo o Relatório da ONU, somos o quarto país mais violento do mundo, campeão incontestável de assassinatos à bala e o primeiro em número de carros blindados.

Panorama carcerário

Nossa população carcerária, em 2010, totalizou quase 500 mil detentos (494.237, segundo o Ministério da Justiça), enquanto a população geral do país, conforme dados do IBGE em 2010, ultrapassou a marca de 190 milhões e 700 mil pessoas. Portanto, a população carcerária, que era de 148 mil em 1995, mais que triplicou até os dias atuais.

A população brasileira cresceu 1,8% de 1995 a 2010, e a população prisional cresceu, no mesmo período, 234%. Poderíamos pensar que esse aumento se deu por uma ação maior e mais eficiente do Estado em prender e processar, e não como sintoma da violência que assola o país.

Mas, se esse fosse o caso, e para a hipótese fazer sentido, a aceleração e a conclusão dos processos, bem como as condições carcerárias, deveriam ter melhorado, além de ter havido aumento proporcional no número de presídios, de agentes penitenciários e de mandados de busca e apreensão.

Não foi o que aconteceu. Nossas instalações em delegacias policiais e no sistema de presídios são muito precárias e bastante insuficientes, como é de conhecimento público — situação admitida até pelos governos, que reconhecem que as iniciativas e até as melhorias no setor não foram suficientes. Um sinal dessa realidade é a insatisfação dos pre-

sos e suas revoltas, que muitas vezes terminam em tragédia.

E tem mais: a Anistia Internacional (organização não governamental mundial que defende os direitos humanos, criada em 1961, respeitada e reconhecida pela ONU) tem denunciado esses problemas do Brasil, exatamente como abordado antes.

A conclusão é que a violência em geral cresceu muito entre os brasileiros.

Preste atenção nisto: infelizmente, os termos insegurança, impunidade, corrupção, violência, concentração de renda e oportunidades, exclusão, descaso das autoridades, burocracia e privilégio são os mais frequentes nos últimos relatórios (2007, 2008 e 2009) da ONU sobre o nosso país.

Trabalhos realizados por núcleos e agentes especializados em futebol, cultura e sociedade confirmam que os torcedores fazem uma relação direta entre a violência nesse esporte e a impunidade e a corrupção.

Depoimentos coletados por nossas investigações reforçam a ideia de que os aspectos que envolvem a violência em geral no Brasil ajudam também a entender a violência no futebol brasileiro. Para mostrar esse impacto, a seguir há dois tipos de depoimentos impressionantes, cujo conteúdo foi o mais frequente, um relacionado à corrupção, outro à impunidade:

Com a polícia vai dar em nada, a polícia é sem moral mesmo, e com qualquer 2 ou 3 real a gente resolve a parada com eles.

Ou:

Com o JECrim [Juizado Especial Criminal] a coisa melhorou, mas ainda precisa melhorar mais. O pessoal é preso só na hora do jogo, e depois não acontece nada.

Enquete realizada pelo mestrado da Universo, entre 2009 e 2010, mostrou um resultado preocupante, apesar de os indicadores a seguir não causarem espanto à maioria das pessoas porque não são surpreendentes, mas apenas confirmações. Trata-se de um cenário que não muda, sendo, por isso mesmo, preocupante.

Na opinião dos torcedores, entre todos os órgãos envolvidos no futebol do Rio de Janeiro, a Polícia Militar (PM) é a instituição de menor credibilidade, ou a que desperta maior desconfiança (na média nacional, só 33% confiam na polícia), seguida pela Federação de Futebol do Rio de Janeiro, arbitragem e dirigentes de clubes, nessa ordem.

E não podemos esquecer: é a PM que controla, ou deveria controlar, a violência dentro e fora dos estádios. Dentro, com o Grupamento Especializado de Policiamento dos Estádios (Gepe, criado em 1982 e caso único no Brasil). Fora, com o Batalhão da área.

Os depoimentos são unânimes e apontam a impunidade e a corrupção como causas principais do descrédito e da desconfiança em relação à PM.

E, para piorar ainda mais a situação, um diagnóstico realizado pela Fiesp em 2010 revelou que mais de 90% dos policiais civis e militares admitem que a corrupção é grande nas duas corporações.

Ao mesmo tempo, um indicador claro da deterioração inquestionável do nosso panorama social, conforme dados do IBGE, também de 2010, é que quase metade da população brasileira não se sente segura nas cidades onde vive.

6. A parte e o todo: contextualizando a violência

Para tudo é preciso método. Estamos de acordo, não estamos?

O humorista brasileiro Millôr Fernandes (1923-2012), que já disse ser o futebol a palavra mais brasileira que existe, também afirmou em relação à sorte o que podemos parafrasear a respeito do método: *Com método, atravessamos o mundo; sem método, não atravessamos nem a rua.*

Seguindo esse princípio, qual método devemos usar para entender a violência no futebol? Este que já estamos usando aqui.

A palavra *método* significa “caminho geral”, e o método que utilizamos neste livro é o da contextualização, que nada mais é do que ver cada coisa que acontece dentro de um todo maior.

Por exemplo, a violência no futebol brasileiro vista dentro da violência econômica, social e política do Brasil. Outro exemplo: os grupos de torcidas organizadas conhecidos por sua violência, que ficaram

ainda mais violentos após a sua ligação com facções do crime organizado e do tráfico de drogas, situação global que assola o país.

Querem mais? Constatamos que somos campeões mundiais em mortes de torcedores, jovens em sua maioria. E, segundo apurou a ONU em 2010, o Brasil ocupa o primeiro lugar no ranking mundial de homicídios de adolescentes (de jovens, portanto) de um modo geral. Então, tudo se relaciona — fato e contexto.

Entre 1999 e 2008, mesmo período de nossa pesquisa sobre mortes de torcedores, 81 mil jovens foram assassinados no Brasil, uma média de 8.100 por ano e 22 por dia.

E mais: a sensação de impunidade que existe no contexto brasileiro, como um todo, influencia (e ajuda a entender) as práticas de violência no futebol e, para além, em qualquer outro setor de nossa sociedade.

Algo antigo, clássico e consagrado no Direito (desde o célebre livro *Dos delitos e das penas*, de Cesare Beccaria, de 1764) é o seguinte: o que ajuda mesmo a controlar e inibir crimes e desrespeitos às normas sociais não é tanto o tamanho da pena aplicada, mas a certeza da punição. É evidente que o tamanho da sanção conta também, mas o que vale, principalmente, é o sentimento de que o delito não ficará impune. Em resumo: a certeza (ou quase) de que

haverá uma pena efetiva, e de que esta será cumprida até o final, é a maior e a melhor punição.

Sendo assim, que a denúncia ou o flagrante se tornem processo, devidamente instaurado, e que este leve as investigações até as últimas consequências; que as penas sejam efetivamente aplicadas e cumpridas até o fim.

As estatísticas brasileiras, em todas as áreas do Direito, demonstram uma lamentável equação — na maioria, só um número muito pequeno de denúncias e flagrantes é que vira processo. Desse pequeno número, um percentual ainda menor torna-se punição, e uma parcela menor ainda, uma punição que será cumprida até o fim.

Dados do Tribunal de Contas da União de 2010 demonstram que 95% dos processos no Brasil não são finalizados, processos esses que também envolvem torcedores violentos e prejuízos causados por eles.

Heródoto (484 a.C.-420 a.C.), considerado o primeiro historiador — o Pai da História —, o pai das narrativas históricas, foi o primeiro a narrar, em um conto, o nascimento da violência, ou melhor, sua transformação na deusa Hybris. Considera-se que a própria história começa com esse conto, no qual Heródoto funda a *narrativa histórica* para comprovar a metamorfose da violência como dimensão humana numa deusa (Hybris).

Esse conto é uma página mais do que clássica do pensamento ocidental e está registrado no *VIII Livro das Histórias*. A deusa Hybris é descrita como onipresente (está em todos os lugares) e representa insulto, agressão, desrespeito, tortura, mutilação, morte.

Em resumo, é apresentada como violência do corpo e da palavra, bem como violência das extensões do corpo e das extensões da palavra — extensões materiais, como armas, máquinas, drogas; e extensões não materiais, como valores, símbolos, preconceitos, exclusões.

E Heródoto acrescenta com grande sabedoria: a violência do corpo e da palavra fica mais agravada quando estamos em grupo, e piora ainda mais quando estamos em grandes grupos.

Sigmund Freud (1856-1939), o Pai da Psicanálise, 2.400 anos depois de Heródoto, analisa (em vários pontos de sua obra) o comportamento do indivíduo, quando em meio à multidão: “Nada há que pareça impossível ao indivíduo, quando este está inserido na

multidão [...]. Quando uma pessoa está misturada à multidão, o seu comportamento é, via de regra, irracional. Especialmente quando se trata de jovens”.

Freud prossegue afirmando que a multidão é uma coisa estranha, porque imprevisível, já que é movida a paixão. E, mesmo quando esses indivíduos não se conhecem, quando juntos ficam elétricos, barulhentos, arruaceiros, e podem, até mesmo, cometer atos de infração. Para que isso aconteça, basta liberar uma faísca de paixão, que corre pela massa como rastilho de pólvora, algo explosivo, descontrolado.

Ocultos na multidão, os humanos se tornam agressivos, violentos, e se permitem fazer o que não aceitam, ou dizem que não aceitam, quando fora de um grupo.

Agora, imaginem só: com esse potencial que as pessoas carregam dentro de si, se as instituições sociais não estiverem preparadas para lidar com multidões, como os espetáculos públicos poderão virar barbárie. Sim, porque o conceito de civilização — o controle dos excessos humanos pelas leis, pelas instituições, pela ordem, pela palavra, pela convivência social mais ou menos pacífica — ficará para trás ou será mesmo abandonado.

7. A violência como fator humano e social

A violência é um fenômeno social, e suas raízes são sociais, mas também é um fenômeno humano, e suas raízes também são humanas.

Ao estudarmos a história da humanidade, podemos concluir que se trata de uma trajetória de violências, sejam elas diretas ou indiretas — violências econômica, política, cultural, social, psicológica, simbólica, racial, de gênero, de opção sexual, de idade, de poder... todas humanas, embora sempre com revestimento histórico e social.

Esse é um fator importante para se compreender qualquer manifestação de violência, em qualquer área social, até mesmo no futebol.

Praticamente todos os grandes pensadores, sejam da filosofia, das ciências ou das artes, em algum momento significativo de sua obra, falaram sobre a violência e suas práticas, denunciando sua presença constante, ameaçadora e preocupante, mas também reconhecendo como ela está entranhada no cotidiano das pessoas.

Heródoto (484 a.C.-420 a.C.), considerado o primeiro historiador — o Pai da História —, o pai das narrativas históricas, foi o primeiro a narrar, em um conto, o nascimento da violência, ou melhor, sua transformação na deusa Hybris. Considera-se que a própria história começa com esse conto, no qual Heródoto funda a *narrativa histórica* para comprovar a metamorfose da violência como dimensão humana numa deusa (Hybris).

Esse conto é uma página mais do que clássica do pensamento ocidental e está registrado no *VIII Livro das Histórias*. A deusa Hybris é descrita como onipresente (está em todos os lugares) e representa insulto, agressão, desrespeito, tortura, mutilação, morte.

Em resumo, é apresentada como violência do corpo e da palavra, bem como violência das extensões do corpo e das extensões da palavra — extensões materiais, como armas, máquinas, drogas; e extensões não materiais, como valores, símbolos, preconceitos, exclusões.

E Heródoto acrescenta com grande sabedoria: a violência do corpo e da palavra fica mais agravada quando estamos em grupo, e piora ainda mais quando estamos em grandes grupos.

Sigmund Freud (1856-1939), o Pai da Psicanálise, 2.400 anos depois de Heródoto, analisa (em vários pontos de sua obra) o comportamento do indivíduo, quando em meio à multidão: “Nada há que pareça impossível ao indivíduo, quando este está inserido na

multidão [...]. Quando uma pessoa está misturada à multidão, o seu comportamento é, via de regra, irracional. Especialmente quando se trata de jovens”.

Freud prossegue afirmando que a multidão é uma coisa estranha, porque imprevisível, já que é movida a paixão. E, mesmo quando esses indivíduos não se conhecem, quando juntos ficam elétricos, barulhentos, arruaceiros, e podem, até mesmo, cometer atos de infração. Para que isso aconteça, basta liberar uma faísca de paixão, que corre pela massa como rastilho de pólvora, algo explosivo, descontrolado.

Ocultos na multidão, os humanos se tornam agressivos, violentos, e se permitem fazer o que não aceitam, ou dizem que não aceitam, quando fora de um grupo.

Agora, imaginem só: com esse potencial que as pessoas carregam dentro de si, se as instituições sociais não estiverem preparadas para lidar com multidões, como os espetáculos públicos poderão virar barbárie. Sim, porque o conceito de civilização — o controle dos excessos humanos pelas leis, pelas instituições, pela ordem, pela palavra, pela convivência social mais ou menos pacífica — ficará para trás ou será mesmo abandonado.

8. A violência no futebol brasileiro

Tudo o que falamos no capítulo anterior tem ligação direta com as práticas de violência no universo do futebol brasileiro. Agora, vamos aos dados e a um pouco de reflexão, que comprovam o que acabamos de afirmar.

Não podemos discordar de que futebol é paixão, e a paixão acentua as coisas, deixando quase tudo à flor da pele. No caso brasileiro, o futebol talvez seja mesmo a maior paixão coletiva de nossa sociedade, uma verdadeira “cultura das multidões”.

Como multidões são propícias à irracionalidade, os caminhos para o exagero, a agressão e a violência ficam facilitados. Os indivíduos se sentem protegidos pelo anonimato que a multidão lhes confere, por isso acreditam que podem fazer certas coisas que, em outras circunstâncias, não fariam. Também se sentem mais fortes do que na verdade são, porque se encontram em grupo, em maioria. Trata-se do fenômeno (humano!) da covardia, em outras palavras.

Os grupos de vândalos ardorosos, minoria nas torcidas organizadas, mas que assustam e ameaçam os estádios de futebol no Brasil, são formados por jovens entre 15 e 24 anos. É claro que há pessoas mais velhas e mais jovens que essa faixa etária, porém nos referimos à maioria: jovens e homens.

Apesar de existirem mulheres entre eles, predomina indiscutivelmente a cultura da masculinidade, o machismo e o “poder” do corpo sarado, o corpo *high-tech*, destemido, agressivo e violento. As regras básicas desses grupos são duas: não respeitar diferenças e resolver quase tudo à base da força física.

O nome disso é violência.

Esses jovens predadores pertencem a todas as classes sociais (principalmente as classes média, média baixa e baixa) e a todos os níveis de escolaridade. Há até mesmo universitários e pós-graduados, mas estes são minoria.

Em geral, tiveram formação sem limites, na família e na escola. Interagiram pouco com os pais, que preferiam “conquistar” os filhos com presentes em vez de com a própria presença e troca familiar.

Esse perfil nos leva à conclusão que a sociedade já conhece: vivemos uma crise de autoridade — dos pais, da escola e das forças públicas.

São pais que não assumem responsabilidades básicas com os filhos e, muitas vezes, transferem a tarefa de educar para a escola e/ou terapia, dependendo

do padrão sociocultural e de renda da família. E, mais adiante, infelizmente, os limites e os valores que não foram passados na época certa, pelos pais e pela escola, terão de ser aplicados, sob forma de lei, pelo Poder Judiciário e até mesmo pelo sistema prisional.

É a punição, quando não houve a prevenção pela educação.

Não queremos com isso dizer que não haja pais presentes, que fazem tudo para educar e conduzir os filhos pelo “caminho certo”, mas em alguns casos não adianta: as circunstâncias da sociedade são maiores e mais fortes, e os pais, muitas vezes, perdem o controle dos filhos. Mas, se fizeram de tudo e ainda assim não deu certo, imaginem o que seria se não houvessem sequer tentado.

Na maioria dos casos ouvidos em nossas pesquisas, é comum os jovens infratores se sentirem sem perspectiva, desamparados, sem apoio familiar, sem amigos de verdade. Na falta de uma referência familiar consistente, necessária à vida em sociedade, é habitual declararem que a torcida organizada é a sua verdadeira família — família formada não por parentes, mas por quem eles próprios escolheram.

Um dos motivos que podem levar os jovens a realizar atos agressivos e violentos, com intuito hedonista, pelo simples prazer (embora egoísta e transgressor), é a vontade de sair dessa invisibilidade social, isto é, “aparecer” — seja de que maneira for. Não

importa se a visibilidade venha por meio de atos infracionais ou de transgressão; o importante é ocupar um lugar ao sol. E, se der para aparecer na televisão, melhor ainda...

Se os acessos disponíveis à visibilidade, ao reconhecimento dos outros e, por efeito, à afirmação social forem os da legalidade, do trabalho, do estudo e da criatividade, melhor para o indivíduo, a família e a sociedade.

Caso contrário — e se combinada a outros fatores de degradação social e de valores, mesmo em classes sociais abastadas —, a delinquência poderá se apresentar como alternativa. E ganhar força.

O *glamour* de aparecer, de ser conhecido e reconhecido, de virar celebridade, mesmo que só por “quinze minutos de fama” e caminhos delituosos, exerce uma atração que não é desprezível e muito menos descartável, uma vez que envolve sedução psicológica, antropológica, sociológica, abrangendo dimensões pessoal, cultural, social.

Por esse motivo, a organização da sociedade, por intermédio de suas instituições, deve ter como prioridade a inclusão e a inserção pacíficas e produtivas de seus membros, aperfeiçoando sempre a tão desejada “igualdade de oportunidades”.

É fundamental que todos os indivíduos, em particular os jovens, se sintam incluídos e inseridos na comunidade, em instituições e nos grupos sociais onde

vivem. Esse senso de pertencimento, necessário à vida social, faz com que o indivíduo se veja como parte de um todo, algo maior que ele, e se sinta razoavelmente responsável por esse todo.

Quando as pessoas não se sentem inseridas de fato nas instituições formais da sociedade e tampouco reconhecidas por elas, também não sentem nenhum compromisso, nenhuma obrigação ou responsabilidade em preservá-las, em respeitar seu patrimônio, eventos e normas de convivência.

Tais elos de reciprocidade entre o pessoal e o coletivo, entre o indivíduo e a sociedade, são indispensáveis à vida civilizada, aquela que supera minimamente a barbárie, o egoísmo, a agressão e o uso da força para resolver qualquer diferença.

Mas a situação da sociedade brasileira atual é problemática. Ela ajuda a gerar indivíduos (jovens em maior frequência) sem perspectiva pessoal e profissional, sem horizontes existenciais efetivos. E vemos a consequência disso a todo momento: muita gente frustrada, desiludida e descontente — indivíduos a um passo da agressividade e a dois da violência.

A formação social dos brasileiros — família, educação, trabalho, renda, valores — ainda deixa muito a desejar. E o que dizer dos chamados valores do dia a dia? Arredondamento de preços, sempre para mais, em todo o comércio; contas adulteradas em

quase todos os restaurantes; desrespeito ao consumidor, burla da lei, subemprego?

Realmente, nosso cotidiano está complicado. Ainda somos uma sociedade muito excludente, hierarquizada, com baixo nível de educação, conscientização e cidadania, além de preconceituosa, violenta e com grandes diferenças — um problema estrutural e histórico do país, infelizmente.

Mas, quando se trata de espaço público, há ainda um importante detalhe: se as pessoas são respeitadas, a tendência é que também respeitem, em contrapartida. (Porém, se não são respeitadas...) Não se trata de uma lei, uma conta exata; é mais uma tendência a ser observada, explorada e desenvolvida pela família, pela educação, pela política, pela ética.

É o chamado efeito metrô — os mesmos passageiros não fazem nos carros do metrô o que fazem nos ônibus ou, ainda pior, no trem.

Futebol e respeito

Está mais do que claro, e trata-se de opinião quase unânime: os torcedores brasileiros não são respeitados nos estádios brasileiros.

Nem como consumidores — conforme previsto no Código de Defesa do Consumidor (CDC) de 1990

— nem como cidadãos — conforme previsto na Constituição brasileira de 1988.

Respeito e segurança acabam sendo faces da mesma moeda. As chamadas condições do espetáculo futebolístico não são confortáveis nem respeitadas com o cidadão-consumidor-torcedor. Pior ainda com a torcedora, e mais até com as famílias que vão aos estádios.

Meios de transporte, venda de ingressos, cambistas, flanelinhas, tumulto nas roletas de entrada, iluminação, higiene de banheiros e bares, informação, orientação, segurança e preços são, entre outros, alguns exemplos desse desrespeito. Mais que isso, ajudam a mostrar por onde o problema pode e deve ser atacado.

Contudo, não podemos nos iludir: esses fatores, mesmo que solucionados satisfatoriamente, não resolvem toda a questão das práticas de violência no futebol brasileiro.

Não podemos nos iludir, claro, mas que ajudam, ajudam, e nisso praticamente todos os pesquisadores estão de acordo. Como também estão de acordo quase todos os comentaristas, os jornalistas e o público em geral.

Portanto, o que falta?

Só falta pôr em prática.